

# MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

*Maria Voce na Onu*  
**Na Assembleia  
com os líderes  
religiosos**

**No Centro  
da Obra**

Continuam os  
encontros dos  
diversos Centros

**Média**

Encontros  
importantes  
para os  
comunicadores  
da Obra

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale DL 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n. 46) art. 1, comma 2, lett. a) Aut. G.P.A./C.R.M./33/2011 | Tel. 02 7600 3333 | www.mariapolis.com

# Apóstolos do diálogo



© archivio CSC

Castel Gandolfo, 22 de janeiro de 2004.  
Chiara na Conferência telefônica CH

O Papa dá a todos nós o nome de: «Apóstolos do diálogo». «Em sintonia com o Magistério da Igreja, as focolarinas e os focolarinos tornaram-se apóstolos do diálogo...», escreve ele. Um título novo, que nós nunca tínhamos tido, embora o conteúdo de toda a nossa ação esteja nisto, no diálogo.

Devemos então perguntar a nós mesmos: como é que o Papa nos vê? Como é que Deus nos pensa enquanto «apóstolos do diálogo»?

Será que eles vêem nisso uma atividade a fazer de vez em quando, nas horas de encontro com outros católicos, individualmente ou em grupo, com fiéis de outras Igrejas cristãs, com membros de outras religiões e com pessoas de boa vontade?

Sem dúvida. Mas poderemos desempenhar bem este nosso precioso dever se para nós,

focolarinos, chamados a viver uma espiritualidade de colectiva, o diálogo for permanente.

O motivo é o seguinte: todos somos chamados a espelhar em nós a vida da Santíssima Trindade, onde as Três Pessoas Divinas estão em eterno diálogo, são eternamente uma coisa só e eternamente distintas.

Na prática, para todos nós significa que, sempre que tivermos algo a ver com um ou mais irmãos ou irmãs, diretamente ou indiretamente: por telefone, por escrito ou na medida em que é destinado a ele ou a eles o trabalho que fazemos ou as orações que dizemos, então devemos-nos sentir todos num diálogo perpétuo, chamados ao diálogo.

De que modo?

Abrindo-nos a ele – irmão ou irmã –, ouvindo com espírito vazio aquilo que o irmão deseja, o que diz, o que o preocupa, o que anseia. E, quando isto tiver acontecido, entrarmos nós dando-lhe aquilo que deseja, aquilo que for oportuno.

E se houver momentos ou horas em que me devo dedicar a mim mesma (para comer, descansar, vestir-me, etc.), fazer cada ação em função dos irmãos, das irmãs, tendo sempre presentes aqueles que me esperam. Deste modo, e só deste modo, com um contínuo viver a «espiritualidade da unidade» ou «de comunhão», é que eu posso contribuir com eficácia para fazer da minha Igreja «uma casa e uma escola de comunhão»; para fazer avançar, juntamente com os fiéis de outras Igrejas ou Comunidades eclesiais, a unidade da Igreja; para realizar, com pessoas de outras religiões e culturas, espaços cada vez mais vastos de fraternidade universal.



© A. Re

Nova Iorque, 22 de abril de 2015

# Inventar a paz

## Excertos da comunicação de Maria Voce na Assembleia das Nações Unidas<sup>1</sup>

Vemos que o nosso tempo não é para meias medidas. Se existe um extremismo da violência, devemos – sem menosprezar a necessidade de se defender e de defender, sobretudo, os mais fracos e perseguidos – responder-lhe com o mesmo radicalismo, mas de maneira estruturalmente diferente, ou seja, com o «extremismo do diálogo»! Um diálogo que requer o máximo envolvimento, que é arriscado, exigente, desafiante, com o objetivo de arrancar as raízes da incompreensão, do medo e do ressentimento.

A «Aliança das Civilizações», que atua no âmbito desta Instituição, propõe uma visão alternativa e construtiva da interação global, e tende a pôr em evidência aquilo que une a humanidade em todas as suas múltiplas expressões, mais do que aquilo que, à primeira vista, pareceria dividi-la. Falar de uma aliança das civilizações tem, portanto, um grande mérito! No entanto, nos tem-

pos que correm, não se pode ir mais longe? Ir às raízes dessa nova perspectiva, tendo como objetivo não só uma aliança das civilizações, mas o que poderíamos chamar a "civilização da aliança". Uma civilização universal, que faz com que os povos se considerem parte da grande História, plural e fascinante, do caminho da humanidade em direção à unidade. Uma civilização que faz do diálogo o caminho para todos se reconhecerem livres, iguais, irmãos.[...]

O que fazer então? Chiara Lubich escreveu com esperança e firme convicção, depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 e das intervenções militares no Afeganistão (2001) e no Iraque (2003): «Não nos rendamos!» (...). São muitos os sinais, para que, da grave conjuntura internacional, possa finalmente nascer uma nova consciência da necessidade de trabalhar juntos pelo bem comum, povos ricos e menos ricos, com armamentos sofisticados ou não, religiosos ou não, com a coragem de "inventar a paz". Terminou o tempo das "guerras santas". A guerra nunca é santa, nunca o foi. Deus não a quer. Só a paz é realmente santa, porque o próprio Deus é a paz.»<sup>2</sup>. [...]

[...] então sintamo-nos todos «apóstolos do diálogo» e vivamos como tal. Um diálogo com uma abertura total, de 360° sem dúvida, mas começando com o pé direito: amando cada próximo que encontrarmos com a medida de dar a vida.

*Chiara*

Da conferência telefónica, Castel Gandolfo, 22 de Janeiro de 2004, em que Chiara comenta a carta que o Papa João Paulo II lhe enviou por ocasião do 60º aniversário do Movimento dos Focolares (ver Mariápolis nº 2/2004)

Ver em Mariápolis online "Emmaus na Onu", com o discurso na íntegra

- 1 Nova Iorque, Sede da ONU. Debate temático de Alto Nível «Promoção da tolerância e da reconciliação: promovendo sociedades pacíficas, acolhedoras e em contraste com o extremismo violento» - Sessão plenária - 22 de abril de 2015.
- 2 De C. Lubich, *Não à derrota da paz*, Editorial, Città Nuova, 2003, n. 24



Pela paz

# Deus nas Nações Unidas

**A participação da Emmaus numa sessão da Assembleia das Nações Unidas, a convite do presidente Sam Kutesa e do secretário geral Ban Ki-moon, foi uma etapa importante também para a comunidade dos Focolares em Nova Iorque.**

O que são dois dias nos quase 70 anos de história das Nações Unidas? No entanto o encontro de 21 a 22 de abril sobre a «Promoção da tolerância e da reconciliação: promovendo sociedades pacíficas, acolhedoras, em contraste com o extremismo violento» mudou esta organização que liga 193 estados do mundo e quer ser a expressão de um mundo mais unido.

Os chefes de estado sentiram a necessidade de pedir ajuda aos líderes das várias religiões. Foi a primeira vez na história da ONU que a religião não foi considerada uma questão privada, mas uma fonte de sabedoria, como disse o secretário geral Ban Ki-moon, já na sessão de abertura do segundo dia, dedicado às respostas das religiões à violência e ao extremismo.

Entre os líderes convidados, estava a presidente do Movimento dos Focolares, Maria Emmaus Voce, e Ermanno Perotti, gen2 de Florença, de 25 anos e estudante de Economia



Nova Iorque, 22 de abril de 2015. As comunicações do Presidente e do Secretário Geral da ONU na presença dos líderes religiosos

do desenvolvimento. Com eles, um grupo dos Focolares, de várias vocações, prontos a levar Deus às Nações Unidas, não só com palavras, mas com a vida.

Foi exatamente isto que a própria Emmaus disse no dia 20 de abril, depois de uma Missa no Focolar de Nova Iorque, comentando o convite que lhe tinha chegado só alguns dias antes. «Senti que devia ser uma bandeira que se

ergue para mostrar que há qualquer coisa por trás dela, como a bandeira que assinala um clube que venceu». Com isto referia-se à vida de toda a Obra, não só nos Estados Unidos, mas no mundo inteiro, «que testemunha a fraternidade universal, o desejo de construir relacionamentos verdadeiros, relacionamentos de amor recíproco, de modo que ele faça diminuir a violência que há no mundo». Uma observação sintomática: «Desde que

soube deste encontro, tive a impressão que os chefes de estado têm urgência, porque finalmente percebem que já não têm recursos para vencer este mal. Todas as suas tentativas diplomáticas ou militares já não conseguem debelar a violência».

A presença dos líderes religiosos mudou as Nações Unidas, mas também a comunidade de Nova Iorque, que tantas vezes sente que é apenas um «pequeno rebanho» nesta cidade enorme que nunca está parada e se interroga: «Mas será que conseguimos mudar alguma coisa? Somos poucos, estamos envolvidos em tantas realidades da vida quotidiana...». A visita da Emmaus mostrou-nos que não temos que nos preocupar: somos feitos para isto, e vamos conseguir porque Jesus está no meio de nós.

O que é que fica depois destes dias? O Ermanno di-lo com franqueza: «Jesus no meio. Um novo Jesus no meio, aqui em Nova Iorque».

*Susanne Janssen - New York*



Nova Iorque, 22 de abril de 2015. A intervenção espontânea de Ermanno Perotti durante a sessão da tarde, dedicada ao debate

## Somos feitos para estes ambientes

**Entrevista à Emmaus, na conclusão da viagem a Nova Iorque**

***Emmaus, qual foi a tua sensação? O que foram para ti estes dias?***

«A coisa mais bonita que me ficou no coração foi o facto de termos ido à ONU juntos. Sinto mesmo aquilo que disse antes de ir, isto é, que levava a vida de toda a Obra. Também pela presença que havia na ONU, não só a minha e do Ermanno, mas também de um grupo visível de focolarinas, focolarinos, voluntários, gen, que me davam muita alegria e que impressionava também os outros. Parecia-

me mesmo o sinal de que nós somos feitos para estes ambientes: eles têm necessidade da presença de Jesus no meio, mas também nós precisamos deste tipo de ambiente, para a exprimir com toda a sua força.

A própria «saída» da Obra tem sentido se der estes frutos, porque nós não podemos «sair» só para fazer ações ou manifestações: nós temos que fazer com que o carisma, a realidade de Jesus no meio de nós tenha incidência. Quando estava na ONU dizia: «Eis, esta é mesmo a Obra de Maria, Maria que entra neste ambiente e lhe leva Jesus, Jesus no meio e revela-O ao mundo».

Quando saí dali tinha o desejo de dar glória a Deus num Magnificat, pelas coisas que Ele, no meio de nós, fez: realmente coisas grandes. E percebi que as fez não só para

os outros, mas para nós mesmos, para nos mostrar a força do carisma que nós temos».

*Nem sempre é fácil aqui, nas nossas terras, e às vezes desencorajamos. O que nos dirias, pensando que antes tínhamos muitos mais contactos, a vários níveis. Qual é o plano de Deus por trás de tudo isto?*

«Eu penso que estamos num momento diferente. Talvez antes houvesse uma explosão de vida, mas depois é preciso tempo para que esta explosão ganhe raízes. Aqui houve uma explosão quando Chiara recebeu um prémio na ONU, ou quando iniciou o diálogo com os Afro-Americanos... Alguns anos mais tarde, podemos pensar: mas o que é que ficou? E então parece que aquela passagem foi como uma semente enterrada, que tem que morrer. Mas a verdade é que ela não morre, porque



22 de abril. A Emmaus no focolar de Nova Iorque, com a comunidade

aquela vida renasce cá fora, e nasce com raízes, mais sólida. Talvez haja menos pessoas do que víamos antes, mas com uma maior capacidade de resistência, porque adquiriram aquela força que pode gerar um novo florescimento, uma nova expansão. E depois, há muitas pessoas novas, que talvez não conseguem incidir no ambiente onde estão. Mas é-me espontâneo dizer: não fiquem aí à espera que sejam eles a vir à vossa procura, vão vocês à procura deles. Eu penso que, a seguir, vai haver um grande florescimento, exatamente nesta terra onde nada é impossível».

Susanne Janssen - New York

# É agora o momento



**Maria Voce na Cimeira sobre as mudanças climáticas, no Vaticano**

À importante Consulta, promovida conjuntamente por: Religiões para a Paz, pelo Departamento ONU para o desenvolvimento Sustentável e pela Academia Pontifícia das Ciências, no dia 29 de abril, foi convidada a Maria Voce, como copresidente das Religiões para a Paz. Na Cimeira, realizada como preparação da iminente Encíclica do papa Francisco, sobre o ambiente, estava também presente o secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon.

Entre outras coisas, a Emmaus, respondendo a uma entrevista, disse: *«As pessoas que aderem ao Movimento deixam-se guiar pela prespetiva de Chiara Lubich: cada coisa foi criada por amor e o amor é a lei da criação. Todos, tanto as mulheres como os homens, devem viver segundo esta ótica ou seja no amor para com os outros, quer relativamente à Humanidade quer à Natureza. Ninguém tem a receita para sair da situação dramática em que nos encontramos, se não se fizer acompanhar pelos outros. Porque cada um tem algo a dizer, cada um tem um papel específico. [...] Devemos olhar para o futuro com muito respeito, quer para com as novas gerações, quer pela Terra que as hospedará. Uma possibilidade de atuar isto, concretamente, é-nos oferecida pelo "Dado da Terra" lançado pelos membros de Eco-one, precisamente no dia 22 abril passado, dia mundial da Terra. Nas seis faces do dado podem-se encontrar frases que ajudam a respeitar o ambiente, com gestos quotidianos: não desperdiçar a água, reciclar o lixo, reutilizar. A última face diz: é agora o momento, não esperar por amanhã».*

a redação

ver também [www.focolare.org](http://www.focolare.org)

# Síria

## Vai-se em frente. Apesar de tudo

**Entrevistámos Radast, do focolar de Damasco, durante uma sua visita a Itália, onde os responsáveis do Movimento dos Focolares do Médio Oriente se encontraram recentemente com a Emmaus, o Jesús e o Centro da Obra**

### *Como é que as nossas comunidades na Síria conseguem sobreviver?*

Através da vida do Ideal, que os motiva, e graças à comunhão entre eles. Sentem muito o apoio da Obra no mundo, sobretudo com a oração, mas também com a ajuda económica.

Quando aconteceu um bombardeamento em Aleppo, em que famílias nossas perderam a casa, os internos de Damasco fizeram uma noite de oração e, a seguir, renunciaram ao almoço de Páscoa no restaurante - uma das poucas maneiras que ainda restam para se distraírem - dando o dinheiro correspondente. Também os gen3 e as gen3 fizeram várias atividades. Existe muita vida de família. As comunidades locais cresceram. Em Aleppo, o focolar

feminino fechou. Ficaram os focolarinos e nós vamos lá periodicamente.

Os internos continuam a desenvolver a comunidade, seguem os gen4 e os gen3 com encontros no focolar, mesmo quando não estão os focolarinos. No início do ano, decidiram voltar a relançar o encontro de Palavra de Vida. De cerca de dez pessoas que participavam, agora existem sessenta, entre jovens e adultos.

Em Damasco, a irmã de uma rapariga que tinha sido uma gen, perdeu num bombardeamento os dois filhos de cinco e dez anos. Um drama. Com o amor do focolar e da comunidade, conseguiram reagir. Mas não aceitavam a ideia de terem outra criança: «Porquê? - perguntavam-se - para morrer como os outros?». Depois, no ano passado, ela ficou grávida. Todos a apoiaram. O menino nasceu há uma semana: toda a comunidade o sente como um filho deste amor recíproco. É um milagre da vida, da vida que nasce apesar da morte.

Entre Aleppo e Damasco, perto de Hamah, cidade de maioria sunita, há uma aldeia cristã, Kfarbo. Lá existe uma bela comunidade. A uma gen foi cortado o telefone porque não podia continuar a pagar a conta. Um dos internos tirou todo o seu dinheiro do bolso e deu-lho, para permitir que ela pudesse comunicar e, pouco depois, foi-lhe oferecido o mesmo montante. No dia 14 de março, quer em Aleppo quer em Kfarbo, foi celebrada uma Missa por Chiara. Uma grande alegria para todos foi a partida para Loppiano, precisamente neste dia, de um futuro focolarino.



## Em Aleppo, a comunidade consegue encontrar-se?

Sim, mesmo se para se verem se corre o risco de se se ser morto. Às vezes, antes do encontro de Palavra de Vida, acontece algum bombardeamento. Mas as pessoas vêm na mesma. Aqui há umas noites caiu um bomba numa igreja. Os nossos que moram ali perto, juntamente com outras famílias, saíram para a rua. Pouco depois, uma segunda bomba atingiu o prédio deles. Salvaram-se miraculosamente. Está tudo em risco. É o quinto ano de uma guerra violenta. As bombas caem sem pré-aviso, não há alarmes. Sai-se para se abrigar na escola ou no trabalho e talvez não se volte. Depois dos bombardeamentos, retiraram-se rapidamente os destroços e as vítimas: é a vontade de continuar a viver.

Existem dificuldades de transporte por causa das operações stop também nas cidades. Falta eletricidade, água, combustível. Aleppo ficou deserta: de duzentos mil cristãos ficaram cinquenta mil. Da Síria, também partiram cem dos nossos. Muitos não se querem ir embora, outros querem, mas não sabem como fazer. Nós estamos a ver como podemos realizar pequenos projetos para dar trabalho a quem fica e ajudarmos também as famílias deslocadas, e não só as da Obra, vindas das aldeias atingidas, para Damasco.

## O que podemos fazer por eles?

Além das orações, seria necessário descobrir se se pode fazer alguma coisa para parar o negócio das armas, como diz o Papa, mesmo se ninguém o ouve. É preciso despertar a opinião pública. E pode-se incentivar a comunhão de bens. Tenho que agradecer a muita gente. Anteontem recebi, de uma gen4, um envelope escrito à mão: «Para os meninos da Síria. Fiz um trabalhinho para a avó». Dentro estavam dez euros. Mas valiam ouro. Uma pessoa renunciou



a uma viagem para dar o dinheiro correspondente, uma outra mandou quatrocentos dólares que recebeu no seu aniversário. Esta comunhão faz-nos sentir o amor da família da Obra.

Um grande apoio é também a visita de alguém estrangeiro, como a recente visita a Damasco de um sacerdote italiano, que tinha conhecido o Movimento quando era seminarista. «Vim dizer-vos que a Igreja está convosco - afirmou - e vós representais a Igreja aqui». Também o Núncio nos encoraja a transmitir esperança. Todos acreditam que, se voltasse a paz, se conseguiria viver em harmonia e reconstruir o País.

No Natal, os jovens de Damasco convidaram os amigos para um concerto. Dez muçulmanos estavam entre as trezentas pessoas que participaram. Um deles, colega de uma gen, tocava órgão. «Aqui sente-se uma atmosfera de paz, um oásis de paz - disse uma jovem muçulmana - precisamos disto».

por Anna Lisa Innocenti

### Emergência Síria

#### Para contribuir:

Causa: Síria, Emergência Síria

c/c postal n. 81065005

código IBAN: IT74 D076 0103 2000 0008 1065 005

código SWIFT/BIC: BPPIITRRXXX

c/c bancário n. 120434 presso

Banca Popolare Etica - Filial de Roma

código IBAN: IT16 G050 1803 2000 0000 0120 434

código SWIFT/BIC: CCRTIT2184D

Em nome de: Associazione "Azione per un Mondo Unito - Onlus"  
Via Frascati, 342 - 00040 Rocca di Papa (Roma, Italy)



# Grande zona da África

## Um milagre que continua

**Iniciou em Fontem a primeira viagem dos novos Conselheiros da Grande Zona da África, Juanita Majury e Joseph Assouad, de 4 a 16 de março**

Connosco, nesta viagem, estava o Augusto Parody, ex-Conselheiro da Grande Zona e a Maria Goretti, focolarina burundese que trabalha no Centro da Obra. À chegada a Fontem recebeu-nos uma atmosfera de festa que nos acompanhou ao longo da nossa estadia. Vendo surgir Fontem, no meio da floresta, tem-se mesmo a impressão de que se esteja a realizar o que Chiara previu, que exista um desígnio de Deus particular sobre esta cidade e sobre o povo Bangwa.

Ficámos uma semana em Fontem e pudemos visitar toda a Cidadela: o hospital, que oferece numerosos serviços, de qualidade, para doentes que vêm até de longe; o Colégio que tem 500 estudantes e o infantário que acolhe 90 crianças; a paróquia, com a Igreja de Sta. Clara; o Centro Mariápolis; a central elétrica; o escritório de construção e manutenção; a garagem; a marcenaria.

O empenho de todos em viver a «nova evangelização» é forte, indo todos os meses às aldeias que estão à volta. Chegam a caminhar até oito horas para levar a vida da Palavra aos grupos de pessoas que esperam, com alegria, estes momentos de comunhão.

Parece-nos poder dizer que, ao longo destes dias, a unidade foi crescendo: à medida que

se prosseguia, intuía-se melhor como poder realizar o «sonho» de Chiara sobre Fontem e sobre o povo Bangwa. Para fazer com que tudo o que se faz, nesta Cidadela, contribua a realizá-lo é necessário um amor recíproco à prova de fogo, quotidianamente renovado.

Depois de Fontem, a nossa viagem fez uma etapa em Fonjumetaw, a 20 quilómetros de distância. Ao redor da paróquia de Nossa Senhora da Anunciação, onde estão presentes dois sacerdotes focolarinos e do focolar feminino, a comunidade do Movimento está a crescer. As focolarinas trabalham no infantário, onde estão 90 crianças, e no centro de saúde, duas obras que oferecem serviços importantes para a população. Em Bamenda, por sua vez, estivemos dois dias. Aqui, juntamente com o Centro Mariápolis, há dois focolares e uma bela comunidade.

Participámos, em Douala, na Jornada da Obra com pessoas de todas as gerações. Era notável a presença dos jovens. Para muitos deles era o primeiro contacto com o Movimento dos Focolares. Partilhámos momentos de profunda unidade com muitos, com os focolarinos e as focolarinas, com os Conselhos de Zona e de região, quer em Bamendaque, quer em Douala.

*Juanita Majury, Joseph Assouad*



Centro Chiara Lubich

# Um lugar de «efervescência»

O encontro com o Centro da Obra no dia 27 de março

Abriu-se num clima de alegria profunda. Após uma breve apresentação dos colaboradores - tanto daqueles que trabalham a tempo inteiro como daqueles a tempo parcial - e das suas respectivas funções, passou-se a ilustrar o trabalho desenvolvido até agora e algumas propostas para os próximos anos.

Tendo sido criado oficialmente na Assembleia de 2008, o Centro já tinha iniciado as suas funções 10 anos antes da partida de Chiara para o Céu. Ela mesma, de facto, tinha sugerido os que deviam lá trabalhar, o equipamento, as instalações, ciente da necessidade de dever cuidar, organizar e proteger o património da mensagem escrita, audio, audiovisual e fotográfica, daquilo que surgiu da sua vida, do seu operar e da sua criatividade.

O Centro Chiara Lubich, na continuidade com esta linha, até agora especializou-se em «trasformar» toda a obra de Chiara em documentos atuais, de modo a serem guardados e conservados na sua máxima e possível integridade. Nesse sentido foi possível iniciar um verdadeiro conjunto de arquivos. Também se tem gravado os testemunhos de pessoas que estiveram com Chiara, como as primeiras e primeiros focolarinos. Desenvolveu-se um trabalho de pesquisa de documentos que se relacionaram com Chiara em vários arquivos eclesiais e civis. Quando se celebraram os primeiros aniversários da morte de Chiara, elaboraram-se algumas publicações: *Deus ama-te*



©T. Arzuffi x 2

*imensamente* (2009), *Cartas dos primeiros tempos* (2010), *Levar-te o mundo nos braços e Uma partitura escrita no céu* (Livro-entrevista a Eli Folonari, 2011). Foram apresentados vários documentários sobre Chiara, tanto em encontros de formação dos membros do Movimento como em reuniões públicas, como, por exemplo, em Universidades romanas, na Universidade Católica de Dublin, na Faculdade Teológica de Trento. Em colaboração com o Instituto Paulo VI de Brescia, realizaram-se, em novembro de 2014, duas jornadas de estudo sobre «Paulo VI e Chiara». Foi criado um *site web* com mais de 500 visitas por dia. Na página Facebook «Chiara Lubich», o número dos frequentadores ultrapassa 90.000 e continua a crescer ao ritmo de mais de mil por mês.

Com os desenvolvimentos depois da Assembleia de 2014, e a criação do Arquivo Geral, sentiu-se a necessidade de reflectir sobre a identidade e a função do Centro Chiara Lubich. Hoje parece-nos ver nele um «centro» vital que agrega, coordena e promove ideias e valores que se relacionam

com a fundadora dos Focolares. Mais do que guardar e pôr em evidência, o significado da personagem e da sua mensagem pelo mundo, este pode definir-se um centro de «efervescência», que contribui para manter vivo aquele espaço que esta pessoa poderia ter no hoje da História.

Com este objetivo, propusemos alguns projetos a curto e longo prazo:

- Uma edição histórico-crítica das obras completas de Chiara (editadas e inéditas). Poder-se-ia iniciar com uma edição crítica do livro *Meditações* e um primeiro volume da obra completa;
- Uma publicação especializada (como texto de referência) sobre a história de Chiara Lubich (biografia e história como fundadora) e da Obra por ela fundada;
- Uma biblioteca especializada contendo todas as obras de Chiara, as traduções nas diversas línguas, a produção sobre Chiara e uma extensão virtual, à disposição de estudiosos e investigadores;
- Um Lexico das palavras chave;
- Uma modificação do site do Centro Chiara Lubich para lhe dar um perfil institucional, que possa exprimir a sua função, ampliando-o com espaços e instrumentos idóneos para a sua melhor utilização;
- A criação de um fundo bibliográfico ao

serviço do trabalho de investigação;

- A eventual instituição de um Prémio internacional «Chiara Lubich», para evidenciar a presença do Carisma da unidade no mundo;
- A realização de uma exposição em 2020, em Trento, no centenário do nascimento de Chiara.

O projeto foi aprovado no todo, com entusiasmo, por todos. «*Estou muito feliz com este encontro. – disse Jesús Morán - Parece-me que ficou mais claro o perfil, o específico do Centro Chiara Lubich: é um “focus” sobre a pessoa de Chiara, do seu perfil histórico-crítico.*

«*Penso que devo dizer um grande obrigada por todo o trabalho destes anos, passados nos subterrâneos da História – observou a Emmaus – [...] Hoje a Obra reconhece claramente no Centro Chiara Lubich um instrumento necessário para que se possa continuar a fazer aquilo que Chiara queria que se fizesse. E se possa continuar a fazer sobre a base destas pesquisas, destes estudos, deste trabalho que fizeram e que irão fazer. Parece-me tudo válido. [...] Parece-me que o trabalho até aqui – concluiu – foi feito com muita sabedoria, com muita prudência e, sobretudo, com muito amor. Está valorizado portanto por todo aquele contributo de amor que existiu e que agora floresce neste resultado. Obrigada, obrigada.*

*Alba Sgariglia, João Manoel Motta*



# Humanidade Nova Um povo formado por toda a Obra

Para dar uma resposta  
credível ao mundo



Um clima verdadeiro de família, foi o que se viveu nas duas horas de diálogo intenso, de intercâmbio entre a Secretaria Central de Humanidade Nova e o Centro da Obra, que a 27 de março confirmaram linhas já aprovadas, mas também abriram novos cenários e horizontes de trabalho.

«Penso que, desta tarde, deveria nascer uma onda de redescoberta do facto de que a Humanidade Nova é feita pela Obra», foi assim que a Emmaus recordou o sonho de Chiara desde o início: contibuém para sarar as chagas da humanidade ferida e de incidir sobre questões sociais, porque há um povo único, com várias vocações. Só se estivermos juntos poderemos dar uma resposta credível ao mundo. O risco, indo sós, não é apenas o de não incidir, mas também aquele de dispersar forças, ideias, trabalho, tempo, talentos...

Este «povo» já se vê em alguns âmbitos promovidos por Humanidade Nova e que envolvem já várias expressões da Obra: desde as «mesas-redondas» que se têm realizado há anos, como a coordenação de várias iniciativas comuns aos vários ramos, movimentos de grande alcance, Inundações. Mas o «povo»

está presente, mesmo se ainda não plenamente visível, nos territórios onde se vivem múltiplas experiências que testemunham a incidência do Carisma nas escolas, nas fábricas, nos hospitais, nos Parlamentos. Uma vida a apoiar e manter em rede, seja através dos sites e os social network, mas também através de uma base de dados que, agora em fase de estudo, poderia ser posta ao serviço de toda a Obra.

O lema da Assembleia de 2014: «sair», «juntos» e «devidamente preparados», leva a Humanidade Nova a ser um lugar privilegiado para a encarnação, que torna o Ideal concreto e credível, até a nível internacional. New Humanity é a organização não governativa reconhecida pela ONU e pela UNESCO, que está prestes a completar trinta anos de vida. É muito apreciada pelo trabalho que desenvolve, promovendo a fraternidade universal. Viu-se a importância de uma representação da Obra nestas sedes internacionais, que deveriam ser potenciadas e apoiadas.

Humanidade Nova, vista por toda a Obra, tomou assim uma maior consciência das suas potencialidades ao serviço do «Ut omnes».

Fanny Bava Furnò, Domenico Mancinelli



# Famílias Novas

## Um tesouro para o mundo

Para responder aos desafios das famílias de hoje

No dia 25 de março o «Centro Nazareth» (Secretaria Central de Famílias Novas) encontrou-se com o Centro da Obra, num clima muito acolhedor. Vieram em relevo os desafios que as famílias enfrentam hoje em dia. Falou-se do papel da Secretaria Central e do seu relacionamento com as zonas, da necessidade de potenciar a colaboração com os Centros dos movimentos de massa e de formar os vários membros da família.

Alguns Conselheiros notaram a necessidade de uma maior «proximidade» da Secretaria Central de Famílias Novas em relação às zonas, sobretudo das que estão em formação. Viu-se a exigência de prever encontros dedicados à família no aspecto inter-religioso, para contribuir mais para a paz, através da família.

Para celebrar, em 2017, o 50º aniversário de

Famílias Novas, todos gostaram da ideia de várias jornadas locais sob o título «Chiara e a família», em colaboração com os

centros do Diálogo, fazendo coincidir com o aniversário do falecimento de Chiara, a 14 de março de 2017.

Barbara e Paolo Rovea apresentaram de forma breve «Up2Me», o projeto de educação para a afetividade e sexualidade, para jovens dos 9 aos 17 anos, realizado em colaboração com os Centros gen3 e Jovens para a Unidade, para responder à necessidade de formar os jovens, com um projeto de vida e uma linguagem acessível até para quem não tiver bases religiosas.



No final do encontro, o Jesús salientou a importância de ver a pessoa como um projeto de Deus e organizar a formação de um modo mais capilar, mais radical e eficaz para construir o «homem novo». Propôs

a elaboração de um pensamento em unidade com todas as agências culturais da Obra. «Quase como se o Movimento tivesse que trabalhar só para Famílias Novas, porque muitas das coisas que fazemos, se não forem para o bem da pessoa, são inúteis. [...] Se, no final, o resultado da Obra não for um “homem novo”, não fizemos nada. Mas poderá surgir este “homem novo” sem as Famílias Novas?». A Emmaus acrescentou: «Temos uma força enorme, que são todas as famílias do mundo [...] que vivem ou procuram viver e encarnar o Ideal. [...] Parece-me que se trata, sobretudo, de descobrir a potencialidade de todas estas famílias e de as ajudar a porem-se na atitude de serem uma ajuda para o mundo, operários da nova família, como Chiara a via, realmente». «Creio que, se as famílias do Movimento, que se sentiram impulsionadas por Chiara a viver o Ideal, o vissem realmente, a família já estaria curada». A Emmaus convidou-nos a «ser corajosos», porque temos um grande carisma e podemos dar testemunho dele, por amor à Igreja e à humanidade.



# Voluntárias e voluntários

## «Na vanguarda do 'sair', na Obra»

Mais de mil responsáveis de núcleo, provenientes de todo o mundo, reunidos em Castel Gandolfo de 19 a 22 de março. Um dos momentos mais importantes foi o encontro com a Emmaus Maria Voce e Jesús Morán

«Uma forte manifestação de sabedoria para cada um de nós e para o ramo» foi como foi definido pelos voluntários/as o momento vivido pelos 1100 responsáveis de núcleo com a Emmaus Maria Voce e Jesús Morán, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo. Uma hora de diálogo, transmitida também diretamente por *streaming*, que abordou vários assuntos. Começou-se com uma pergunta sobre o contributo específico dos voluntários e das voluntárias àquilo que foi sugerido pela Assembleia: «sair», «juntos», «devidamente preparados». «Sair é o modo de ser de Deus. – explicou o Jesús – [...] faz impressão ver como Jesus viveu sempre a 'saída', sempre! E sempre com novas fronteiras, sempre



com ambientes diferentes; nunca ficou fechado, nem sequer tinha um ponto fixo, ia de um lado para o outro. Depois, saía sempre acompanhado, saía sempre em conjunto porque tinha saído do Pai: "O Pai e eu somos um", por isso sempre em

unidade com o Pai no Espírito Santo, mas também com aquele grupo com quem queria reproduzir a sua experiência de vida de amor com o Pai, no Espírito Santo. Devidamente preparado: era o Verbo...! No entanto, dedicava tempo à oração, a ler as Escrituras. Realmente temos que olhar para Ele». «Podia-se dizer que vocês estão especificamente de saída – disse a Emmaus, dirigindo-se aos voluntários/as - porque a vossa vocação [...] é transmitir a luz, encarnar a luz nas realidades humanas. Por isso, o contributo específico é de uma qualidade especial no "sair", uma intensidade no "sair", uma vivacidade e uma criatividade no "sair". Vocês são a vanguarda do "sair", na Obra».

E como encontrar o equilíbrio entre «sair» e a vida de núcleo? «Somos Obra de Maria – disse a Emmaus –, que significa: queremos gerar Jesus no mundo, para o mundo. Qual é o lugar de comunhão que faz nascer Jesus no meio? Depende das nossas vocações. Para um focolarino é o foco-



## Com o Centro da Obra

Luz e verdade são as duas palavras que caracterizaram o encontro dos Centros internacionais dos voluntários e das voluntárias de Deus com o Centro da Obra. Na abertura, a Patience Molle Lobè e o Paolo Mottironi apresentaram os novos conselheiros dos Centros. Falou-se dos dois ramos e das expectativas, pontos críticos e de força. Daí nasceu um diálogo aberto e franco. «Sentimos o amor do Centro da Obra - escreveram as voluntárias - e o desejo de nos ajudarmos para conduzir a Obra em sinergia, e ser cada vez melhor aqueles testemunhos de que a sociedade tanto necessita nos tempos de hoje». Falou-se da vocação dos voluntários e de como a dar a conhecer de um modo melhor. «A propósito das conjunturas e da nova configuração - escrevem os voluntários - vimos que há dimensões em que a identidade do voluntário de Deus deveria ser valorizada e reavivada, na medida em que pode conseguir captar os "sinais dos tempos" para a encarnação do Ideal e a sua influência nas realidades humanas».

*lar, para um voluntário é o núcleo, para um gen é a unidade gen, a unidade arco-íris. E assim por diante. São estas estruturas, por assim dizer, "estreitas" - mas não estreitas porque são apertadas para nós, porque nos obrigam - mas estreitas porque nos unimos e assim geramos Jesus no*

*meio através deste relacionamento de unidade, por este amor recíproco que nos liga. [...] Então é essencial? Claro que é. Mas não é mais ou menos essencial do que "sair", ambos são essenciais, porque a presença de Jesus no meio gerada no núcleo precisa de "sair" para se manifestar, para testemunhar, para levar esta vida».*

Os voluntários e as voluntárias exprimem o seu desejo de serem mais formados pelas páginas de luz que surgiram no «Paraíso de '49». «Este desejo é realmente santo - disse o Jesús - [...]. Isto é fundamental: voltar sempre à fonte, às intuições originárias, é o que nós devemos fazer e que devem fazer aqueles que vierem depois de nós. Temos sempre que voltar à fonte que é Chiara». Mas lembrar também que: «Toda a Obra é "Paraíso", o "Paraíso" está em muitas coisas que Chiara escreveu, está difundido em todo o lado: nos temas há muito mais "Paraíso" do que nós pensamos. [...] No Pacto está todo o Paraíso. Se fizermos isto, este ano: aprofundar bem o que significa para Chiara Jesus Eucaristia, e como o ligava à experiência de unidade, então seremos realmente "constituídos" pelo Paraíso».

«O Pacto é mesmo uma coisa extraordinária - continuou a Emmaus - aquele dizer: "sobre o nada de mim" quer dizer até ao abandono do Pai, e "prometemos-te que o viveremos sobretudo entre nós" - antes de tudo "entre nós" - o amor recíproco, até ao abandono do Pai, isto é, com essa medida. Se nós conseguíssemos fazer isto, todos os dias nós viveríamos no "Paraíso", no Seio do Pai».

*Patience Lobe, Paolo Mottironi*



## Preparar-se para o focolar «É a nossa vez»

**Em Loppiano realizou-se, de 29 de março a 5 de abril, o encontro para aqueles jovens que já decidiram entrar no focolar: cerca de 50 participantes entre raparigas e rapazes, incluindo os que iniciam o primeiro ano de formação. Seguiu-se um encontro com 150 jovens interessados em conhecer a vocação**

Dias de escuta profunda, comunhão aberta entre todos, com os focolares de Loppiano e de outras localidades via *skype*. Trataram temas como a vocação, a comunhão, a liberdade, os relacionamentos de família que se vivem no focolar. Momentos de luz. Foram marcantes as liturgias da Semana Santa, vividas com a Cidadela, no santuário da Theotokos. Tudo ajudava a viver o «tu a tu» com Deus.

Escreveram à Emmaus: «Os temas tratados fazem-nos compreender a radicalidade e o Amor que Deus quer de nós. Viémos com poucas certezas, muitos medos para ultrapassar juntos. Estamos a viver num clima de família gerado por muitas experiências e pela comunhão de alma. [...] É muita a gratidão que sentimos na alma, em parte fruto destes dias, mas também e sobretudo pelo olhar especial que Deus tem sobre nós».

Algumas impressões: «Foram dias especiais, em Deus. Os momentos no focolar, com os focolarinos da escola, o programa profundo e simples. Cheguei com muitas coisas dentro e a minha parte era fazer o vazio para que Deus

pudesse falar. Obrigado também pelos colóquios muito profundos onde pude comunicar a minha vida, as realidades mais íntimas do meu caminho». «Muitas vezes fiz de conta que não percebia o que Deus queria, agora sinto que vivi toda a minha vida para chegar a este momento e perceber o que é que Deus quer de mim».

### Excerto do *skype* com a Palmira

«Os jovens são levados a olhar para o futuro, os idosos olham para o passado, mas nós, com um Ideal tão grande, devemos olhar para o momento presente! E, no momento presente, para cima. Ali encontramos logo o relacionamento com Deus. Deus fala-nos, nós escutamolo, e deixamos que Ele faça o programa do nosso futuro.

E como é que podemos olhar para o alto e falar com Deus, assim confidencialmente? Basta olhar para Chiara no seu sim. [...] Agora é a nossa vez. E então, disse a Palmira, é a minha vez, já no meu voo final, mas é também para vocês no vosso voo inicial».

*Pilar Fernandez dal Moral, Magnus Mentzel*





# Onde se faz a experiência de Deus

**Os Centros das focolarinas e dos focolarinos encontraram-se com o Centro da Obra.  
A beleza de uma vocação aberta aos desafios da sociedade**

Preparámo-nos para este importante encontro revendo o que já se aprofundou nestes anos na Obra sobre a identidade das focolarinas e dos focolarinos (Comissões 1 e 2), as «Orientações da Assembleia Geral» e as perspetivas presentes nas «Orientações» das Assembleias das duas Secções: dois documentos com timbres diferentes mas com argumentos e percursos comuns a desenvolver: o «*Ut omnes*» – Formação e acompanhamento – Única vocação (de vida comum e dos casados) – Idade avançada e vocação – Jovens e vocação – Cuidado nos relacionamentos (entre o Centro da Obra e as Secções, entre Secções, entre Zonas e Secções).

Nesta base apresentámos alguns projetos, especialmente relacionados com a formação e

desenvolvimentos futuros: formação integral e sempre atualizada; formação contínua

desde os primeiros anos de vida de focolar até à velhice; formação dos formadores; projeto vocacional abordado com toda a Obra.

Seguiu-se um intenso diálogo com os Conselheiros do Centro, a Emmaus e o Jesús. Alguns dos temas falados: inculturação, vocações, formação, focolarinos casados...

«O focolar é um lugar onde se faz uma experiência de Deus – disse o Jesús – que é a experiência de estar com Jesus que nos mostra o Pai.



*Mas, assim como Jesus, que mostrou o Pai aos apóstolos para construir o Reino, também no focolar não se está ali só para se conviver: está-se ali para construir algo que é o “Ut omnes”.*

Àcerca das propostas apresentadas, a Emmaus disse que eram todas aceitáveis: «*Parece-me tão evidente a realidade da presença de Jesus no meio entre as duas Secções que, se existe esta raiz que é a raiz única que queremos, os frutos virão. Quando Deus quiser, como Deus quiser, através dos caminhos que Ele sabe, onde Ele pensa, mas tenho a certeza que virão.*»

O Jesús acrescentou: «*Esta manhã via-se que o focolar é mesmo muito atual*» e, comentando sobre os muitos pedidos de focolares por parte dos Bispos: «*Se a Igreja nos vê assim, Deus mandar-nos-á operários, não é?! Mas é preciso que nós voltemos a descobrir esta verdadeira essência do focolar, esta vida*»

*Agnes van Zeeland, Flávio Rovere*



### Alguns dados

**Focolarinas:** 4.388 (2.580 de vida comum e 1.808 casadas) em 456 focolares; focolarinas que vieram fazer a escola desde 2008 a 2014: 200; previstas para 2015: 10.

**Focolarinos:** 2.767 (1.289 de vida comum e 1.478 casados) em 225 focolares; focolarinos que fizeram a escola desde 2008 a 2014 : 121; previstos para 2015: 16..



## Média

# Pode-se comunicar? Deve-se!

Um encontro de uma centena de pessoas do Movimento, que trabalham no aspecto da comunicação, em Castel Gandolfo, para um laboratório que ainda continua

Ser todos protagonistas da comunicação. Poderia ser este o «mandato» na conclusão do laboratório, que reuniu em Castel Gandolfo, de 10 a 12 de abril, pouco mais de uma centena de pessoas do Movimento dos Focolares envolvidas de várias formas no mundo da comunicação.

Entre os presentes e os que seguiram todo o programa via *streaming*, provenientes dos vários continentes, havia profissionais em vários meios de comunicação, responsáveis pelos Sif e pelos sites web do Movimento, nacionais e locais, encarregados do aspecto da comunicação nas diversas Zonas.

Não podíamos prescindir das «Orientações» emanados ao longo da Assembleia Geral da Obra de Maria. De facto, a comunicação foi um tema sentido, quer no que diz respeito ao aspecto de sair para o mundo, quer no que concerne a unidade entre os internos da Obra e o empenho em estarem devidamente preparados.

Era o terceiro congresso, desde 2011, com uma programação deste tipo, na tentativa de se avançar no processo de comunhão, colaboração e programação que nos torne cada vez mais capazes de comunicar, na Obra e para fora, de um modo coordenado, e de nos inserirmos no caminho da sociedade, com os seus desafios em constante renovação.

A Emmaus falou de protagonismo difuso, interveio no laboratório com Jesús, na última

manhã, entusiasmando a ser «*não fruidores de notícias, mas construtores da vida*»; convidando a «*usar as redes sociais para transmitir as nossas ideias*»; sugerindo que «*não fossem autoreferenciais, e que não pensássemos que somos os únicos a desejar o bem e o belo*», mas que valorizássemos aquilo que já existe na sociedade; incitando a ter as «*portas abertas, que aceitam e tratam das problemáticas do mundo*».

O Jesús falou do trabalho dos comunicadores como aqueles que fazem «*a primeira mediação cultural do carisma*», que produzem «*experiências de "ut omnes"*. Neste sentido, parece ser um instrumento importante, decisivo. Um carisma como o nosso - pergunta - *podrá não ter um instrumento deste tipo?*».

Avançando no diálogo com a Emmaus e Jesús, que ouviram antes uma síntese dos trabalhos, aos poucos surgem pontos fortes (a internacionalidade da Obra, presente também nos pontos fortes do planeta, a diversidade das comunidades locais) e nos pontos fracos (o deficit de formação e de recursos, a fragmentação dos nossos numerosos *media*, por exemplo).

Se estes dias foram vividos mais como um laboratório do que como um congresso, é claro para todos que o laboratório da comunicação tem mesmo que ser um laboratório permanente, também porque não houve conclusões



no final dos trabalhos e o próprio método envolveu todos. Pediu-se que houvesse pistas de confronto, relatórios (também via *skype*, para facilitar o olhar internacional e não só a pessoas que fazem parte da Obra), mas foi proposto a todos que interviessem nos trabalhos de grupo, que marcaram três meios dias, sobre temas específicos: a comunicação na Obra; a comunicação da Obra para fora; como comunicar a atualidade com o espírito do ideal da unidade. Três planos diferentes, mas estreitamente ligados, fortemente orientados para o «*Ut omnes*».

Havia uma soliticitação bastante generalizada: existe uma grande necessidade de formação a todos os níveis, que nos ajude a crescer no conhecimento e na utilização dos meios de comunicação. Para os que já trabalham neste campo, e sobretudo para aqueles que se dispuseram a trabalhar num âmbito que não é o deles, porque o mundo da comunicação é complexo, está em evolução contínua e, se queremos incidir na sociedade, devemos estar bem preparados. Alguém propôs uma semana de formação uma vez por ano, ou então uma formação periódica mundial *online*. Também se sentiu a necessidade de conhecer melhor os meios de comunicação que já temos.

Um aspecto muito interessante tem a ver com o contributo das novas gerações: jovens que nasceram na era das *redes sociais* e, por essa mesma razão, estão à vontade nesta galáxia. Alguns, presentes no laboratório, perguntaram qual o tipo de contributo que esperam deles. Era evidente a necessidade de trabalhar juntos em todas as fases, jovens e adultos, num enriquecimento mútuo.

Tentou-se individualizar al-

gumas pistas de trabalho que já têm respostas, mesmo se temos de esperar por desenvolvimentos posteriores.

Por exemplo: o tema da sustentabilidade, no que diz respeito aos recursos humanos e económicos dos nossos âmbitos da comunicação. Investir pareceu-nos indispensável, fazendo propostas oportunas.

E ainda: como nos devemos orientar na oferta diversificada dos nossos *media*? Simplificar, coordenarmo-nos cada vez mais, desenvolver sinergias.

Estar atualizados? Uma comunicação «tradicional» não basta, é necessário potenciar os meios e as produções de vídeos breves, que se difundirão na *net*, como já se faz com as notícias do Conferência CH.

Como nos devemos comportar entre o risco de dar respostas absolutas e o de não tomar uma posição? Uma terceira possibilidade: oferecer o nosso ponto de vista, sem o impôr como «a verdade».

Como continuar a dialogar com todos? Ter clara a nossa identidade para a poder oferecer dentro de um estilo de diálogo. Também aqui, refletir no modo como apresentamos o Movimento para fora, para que seja claro o que é e o que realiza.

Valorizar a vida das comunidades locais, as experiências, as histórias: são uma mensagem forte, compreensível, universal.

Aurora Nicosia



# Motivados e sustentáveis

No final do congresso internacional dos profissionais de comunicação do Movimento, em Castelgandolfo, realizou-se um encontro, durante um dia e meio, com todos os grupos editoriais do mundo

No total, presentes ou via Webex, estavam representados cerca de vinte países. Houve uma grande comunicação, frontalidade ao falar das situações, formulação de perguntas realistas sobre o mundo editorial: foram estas as principais notas do breve encontro.

A Cecilia Capuzzi e o Paolo Lòriga, depois de terem feito um rápido mas conciso ponto da situação dos grupos do mundo inteiro (pontos fracos: economia, gestão, eficiência, presença no mercado; pontos fortes: função estratégica, paixão de quem trabalha, opinião externa favorável), colocaram «a» questão fundamental: é obrigatório ter um grupo editorial num País? Se viesse a faltar, o que aconteceria?

As respostas foram articuladas e substancialmente convergentes sobre alguns pontos:

- a) os grupos são necessários, mas apoiados e adaptados às novas necessidades da Obra e às características das novas tecnologias de informação;
- b) é necessário um trabalho de coordenação internacional permanente e eficaz;
- c) no Centro, é necessária uma identidade (pessoal ou coletiva) que apoie cada uma das "Cidades Novas" do mundo;
- d) «dar conhecimento» ao Movimento do quanto as "Cidades Novas" são essenciais para uma Obra que quer «sair»;
- e) que, mais ou menos, todos os grupos editoriais deverão passar a olhar mais



Luca Gentile da editora italiana e Klaus Brüscke da brasileira

à sua volta, a fim de perceberem como aumentar o número dos seus leitores, também fora do Movimento.

Na conclusão, a Maria Voce e o Jesús Moran vieram saudar os grupos editoriais. Abriu-se um diálogo sincero, do qual saíram algumas notas concretas:

- a) A Obra reitera que os grupos editoriais fazem parte integrante da nossa «missão»;
- b) é preciso que a sustentabilidade financeira e a sustentabilidade económica se harmonizem com as necessidades editoriais, também com o eventual apoio da comunhão de bens;
- c) Para uma Obra que está em mudança, depois da partida de Chiara, e sob o impulso da evangelização do Papa Francisco, a ferramenta editorial é cada vez mais importante, não apenas para nós, mas também para a nossa irradiação;
- d) a coordenação cultural da Obra não se pode fazer sem a presença útil e contínua de Cidade Nova.

*Michele Zanzucchi*

## Com o Centro da Obra

# Planear para além da crise

A função de Cidade Nova como instrumento privilegiado de uma Obra "em saída"

Estavam presentes o Centro da Obra, o recém-criado Conselho de Administração de Cidade Nova, os delegados de Zona de Itália e muitos membros do Grupo Editorial, para um momento de apresentação e diálogo. Foi este o motivo do encontro que se realizou em Rocca di Papa, no passado dia 11 de março. O novo Diretor Geral, Stefano Sisti, descreveu brevemente a situação económica da empresa. Depois coube a outros colaboradores de *Città Nuova* relatar o trabalho que se está a fazer, e apresentar os projetos em curso.

Foram muitos os temas abordados: desde a situação editorial bastante difícil, sobretudo a situação religiosa, à *missão* do Grupo, isto é, as suas metas e os seus objetivos, e à necessidade de conjugar tais objetivos com as regras do mercado; desde o projeto cultural - o da Cidade Nova e o da Obra de Maria -, ao sentido e ao valor dos media para a difusão do Ideal na Itália e no mundo; a questão do "digital", agora indispensável, e as novas linhas editoriais confiadas aos Diretores do setor da Informação e da Edição; a reestruturação da empresa e a transformação da revista quinzenal em publicação mensal, aos

jornais para adolescentes e às recentes coedições satélites.

Um intercâmbio muito animado que permitiu aprofundar os temas em discussão e analisar melhor os pontos fracos e os méritos do Grupo. Talvez, sublinhou a Emmaus, a *Città Nuova*, tenha sido deixada um pouco sozinha nestes últimos anos. Agora, também no seguimento da Assembleia, o Centro pretende voltar a olhar com renovada paixão e com cuidado a principal obra da Obra, sobretudo neste tempo de grandes desafios sociais e económicos. A *Città Nuova*, foi de facto dito, é a Obra dirigida «para fora»: o papel que ela desempenha no que diz respeito ao diálogo, aos relacionamentos, à informação e à formação, ao conhecimento e à valorização das atividades nacionais e internacionais, visando o Bem Comum, é enorme, é mesmo indispensável. Também por isto foi criado um Conselho de Administração do qual farão parte alguns conselheiros do Centro e dois técnicos. A sua função será a supervisão dos trabalhos do Grupo com o fim de o acompanhar e de o ajudar a ultrapassar o momento de crise.

Luca Gentile



## Editoras em diálogo

François Hollande visitou  
o stand de *Nouvelle Cité*  
na Feira do Livro de Paris

François Hollande, Presidente da República de França, na sua visita oficial, no dia 21 de março, à Feira do Livro de Paris, parou diante do stand de *Nouvelle Cité*.

Foi a Bénédicte, Diretora Literária de *Nouvelle Cité*, que lhe apresentou a particularidade: um stand coletivo de editores cristãos, muçulmanos e hebreus, de acordo com a orientação da casa editora dos Focolares, com o fim de desenvolver o diálogo inter-religioso e de trabalhar em conjunto. «Continuem, é importante, é preciso!» comentou o Presidente.

A Emmaus, respondendo a Dominique Bonnet, Bénédicte Draillard e Muriel Fleury, que lhe tinham dado a notícia, encorajou-as a ir «em frente juntas, renovando todos os dias o nosso empenho de viver o Ideal, para que o diálogo e a fraternidade se difundam cada vez mais no mundo».

redação



Uma fonte de inspiração  
para línguas e povos...

## «Dizer é dar»

O Primeiro Congresso Internacional de estudos  
linguísticos e literários, à luz do carisma da  
unidade, realizou-se em Castel Gandolfo (Roma)  
de 10 a 12 de abril

Era esperado há algum tempo.

O congresso contou com a presença qualificada de 91 participantes - entre os quais professores universitários e estudantes e alguns tiveram o seu primeiro contacto com o carisma de Chiara Lubich - provenientes de Hong Kong, Costa Rica, Argentina, Venezuela, Brasil, Espanha, Portugal, França, Bélgica, Suíça, Alemanha, Hungria, República Checa, Polónia, Rússia, e de várias cidades de Itália, num total de 17 línguas, «numa relação de amor entre todos». Foi importante a presença das tradutoras e dos tradutores de Chiara, protagonistas do Congresso. Foram mais de 900 os contactos através de *streaming*.

Foi promotor, em colaboração com o Centro Chiara Lubich e com a revista *Nova Humanidade*, o Grupo de estudo e de pesquisa da Escola Abbà da área linguístico-literária (LFL), que editou já o livro *Como Flechas de Luz*.

Inspirando-se mais uma vez em fragmentos do Paraíso de '49 e em comentários posteriores de Chiara, o Grupo LFL quis, neste momento, propor o tema "Dizer é dar" (C. Lubich). A palavra como oferta e relação», que envolveu profundamente todos os presentes numa dinâmica de amor-oferta recíproca.

O programa, organizado em três sessões e preparado com uma intensa troca de ideias, competências e sugestões, na realidade de Jesus no meio, continuamente procurada e desejada, abordou temas importantes tais como: «Experiência Mística e Literatura, Géneros e contextos literários em Chiara Lubich», «Transmissão e Tradução», e decorreu ao longo de 22 intervenções, definidas, aliás, como «de alto nível», «bem preparados» «para além de toda a ex-

petativa». Deixaram, de facto, vislumbrar a potência do carisma e a força da novidade que dele brota também para as disciplinas linguísticas.

Num clima de profunda escuta, distribuindo às mãos cheias fragmentos do texto do *Paraíso de '49*, objeto fundamental de estudo, foi possível experimentar mais uma vez a sua surpreendente «energia» para renovar, transformar, erguer as pessoas, as culturas, os povos.

Para além dos temas na sala, foi especialmente intensa a tarde vivida em casa de Chiara e no Centro Chiara Lubich, em contacto direto com os seus escritos.

O Congresso «abriu-se» e enriqueceu-se, em vários momentos, com o contributo de outras disciplinas: filosofia, teatro, poesia, música. Foi excelente o concerto de Paolo Vergari. Além disso, foi significativa a presença da revista Nuova Umanità, que desde há algum tempo publica escritos de Chiara datados de '49.



«Podemos, mais uma vez, testemunhar a intervenção de Deus na nossa pequenez - foi esta a impressão unânime dos «externos» da Escola Abbà da área linguístico-literária -; foi uma oportunidade muito preciosa para viver plenamente, com Jesus no meio, o "sair, juntos, bem preparados". Verdadeiramente o *Paraíso de '49* é um documento para todos! Vimos concretizada a palavra como uma dádiva!».

Resultado: muitos projetos para o futuro, com várias propostas dos participantes.

Os relatórios apresentados no decorrer do Congresso, serão publicados numa próxima edição.

*Ao cuidado do Grupo de estudo e de pesquisa da Escola Abbà da área Linguístico-Filológico-Literária (LFL)*

## Novidade editorial

### *A unidade torna-se história*

## Pasquale Foresi e o Movimento dos Focolares

O texto percorre a história do pe. Pasquale Foresi, primeiro focolarino sacerdote e cofundador dos Focolares e o seu contributo para o nascimento, desenvolvimento e enraizar-se do Movimento no tecido eclesial, cultural e civil. Depois da narração da sua vida, na qual se entrelaçam intervenções de Foresi e textos de Chiara Lubich, aprofundam-se: a sua ordenação sacerdotal, como primeiro focolarino a

recebê-la; o seu contributo na criação e crescimento da revista

*Città Nuova* e da homónima Editora; a função desempenhada por ele no desenvolvimento da cidadela de Loppiano; o contributo dado ao projeto da Economia de Comunhão e à sua realização.



## Quinto Diálogo

# Inundações: variedade, diferença, dinâmica



© T. Arzuffi

As dez inundações apresentaram-se como um leque multicolor, durante o encontro do Centro para o Diálogo com a Cultura (V Diálogo) com o Centro da Obra (as outras duas, MpPU e a EdC, já tinham tido o seu encontro). A apresentação feita pelos respectivos responsáveis, juntamente com os dados sobre a atividade de cada uma, fez intuir a riqueza e fecundidade da vida que existe, e quanta variedade, diferença e dinâmica contém. Cada Inundação tem um caminho próprio, um seu percurso, a sua metodologia: algumas, depois de muitos anos de trabalho, já têm novas metas; outras começaram agora uma certa atividade inovadora que vai abrindo caminho nos âmbitos culturais de várias disciplinas, outras ainda estão a viver uma fase de reorganização ou de «crescimento para uma maior maturação» como sublinhou Palco Toth, responsável de NetOne.

São importantes também os percursos que se estão a fazer em colaboração com alguns professores universitários. Há Inundações muito ativas no campo juve-

nil tanto com encontros feitos por jovens para jovens, como com a programação de *Summer School* ou outras iniciativas que se revelaram muito úteis para orientar os estudos de modo diferente e para um maior aprofundamento da luz do Carisma.

No diálogo com o Centro da Obra viu-se que está a surgir uma nova etapa na vida das Inundações: uma mudança de mentalidade neste «*momento de graça*» como disse o Jesús, para ir mais além do que se fez até agora. A Emmaus sublinhou que, se na apresentação que se fez veio em relevo a identidade das Inundações, como pensamento, como cultura e como relacionamento com o mundo da cultura, agora é preciso tomar consciência que este diálogo é feito com a vida da Obra e o pensamento influenciado pelas Inundações. Nos cinco Diálogos nota-se uma «Obra dialogante» que se exprime em cinco modos, é a Obra que dialoga e cada um é tudo. Mas é tudo se existir uma profunda unidade entre todos.

*Rinuccia Mulatero, João Manoel Motta*



## IV Diálogo

# O homem pensa, olha, orienta-se para Deus

Encontro internacional dos Responsáveis do Diálogo com pessoas de convicções não religiosas. Momento mais importante: a intervenção do co-presidente Jesús Morán.

A escola dos responsáveis do IV Diálogo foi uma escola breve, mas rica de conteúdos e de comunhão. Realizou-se no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, de 27 a 29 de março. Participaram 50 pessoas, vindas de 7 Países europeus, tendo-se-lhes juntado também dez Gen do Centro Gen. O objectivo era "reacender" a paixão por este Diálogo que, hoje mais que nunca, se reveste de particular importância para as orientações resultantes da Assembleia de 2014: sair, juntos, bem preparados. Foi precioso o contributo de todos os que, desde há anos, têm trabalhado neste campo, e que apresentaram novas e interessantes motivações para prosseguir o caminho.

Um impacto importante – num crescendo de conteúdos dos relatórios apresentados – foi a intervenção de Jesús Morán. Depois de ter contado algumas das suas experiências no contacto com amigos de diversas convicções, debruçou-se sobre a diferença entre o conceito teologal e o conceito teológico. *«Teologal – explicou Jesús – diz respeito a uma dimensão humana que envolve a realidade divina, que se fixa no divino. Como se imaginássemos que o homem é um quarto com várias janelas e que uma delas se fixa na questão de Deus. Todos temos esta janela. Alguns têm-na totalmente escancarada, para outros está sempre fechada e para outros, às vezes, através desta janela, passa um pouco de luz».* «O conceito teológico, pelo contrário, – prosseguiu o co-presidente – *é um discurso sobre Deus, a partir daquilo que Deus nos disse.*

*O teologal envolve o homem que pensa,*

*olha e se orienta para Deus. Neste sentido todos os homens fazem experiências teologais, mesmo se nem todos têm uma experiência teológica».*

Jesús prosseguiu com outros depoimentos de sabedoria e sugestões clarividentes, tanto que, alguém que estava presente, descreveu-o como *«um discurso histórico, que toda a Obra deveria conhecer. Nas palavras de Jesús está a chave para pôr em prática verdadeiramente tudo quanto brotou da Assembleia».*

Nos momentos de partilha pôde-se verificar a importância dos Grupos de Diálogo existentes em diversas partes do mundo (Itália, Espanha, Argentina, Uruguai, Europa de Leste). Um património precioso para conservar e difundir, precisamente porque vai enriquecer a própria identidade da Obra. Notava-se também a impressionante energia que caracteriza os responsáveis deste Diálogo, talvez devido ao seu contínuo colocar-se em questão, à procura da linguagem adequada, ao esforço por transmitir confiança e em crescer no conhecimento recíproco com os Amigos do Diálogo.

Durante a mesa-redonda foi fortemente salientada a importância de que todos os que trabalham nos vários Diálogos se apresentem no exterior como 'pessoas em diálogo', juntas, sem distinções. Veio também em relevo a importância de os "Amigos" serem inseridos nas células de ambiente, nas comunidades locais, nos grupos de solidariedade, fazendo parte, plenamente, do Movimento.

*Vida Rus, Andrew Camilleri*



Ecumenismo

## Pão repartido por todos

Na Alemanha, uma jornada de estudos com participantes católicos e evangélicos

«A Eucaristia e a Santa Ceia» foram o fulcro da jornada realizada no Centro Mariápolis de Zwochau (Alemanha) no dia 15 de fevereiro, com setenta participantes, católicos e evangélicos, membros e amigos do Movimento dos Focolares. Três teólogos, entre os quais o dr. Manfred KieBig, uma personalidade de relevo do mundo luterano alemão, iluminaram as bases comuns da fé cristã na Eucaristia. O dr. KieBig concluiu a sua comunicação com as palavras de Dietrich Bonhoeffer: «O dia da Santa Ceia é um dia de alegria para a comunidade cristã. Riconciliada interiormente com Deus e com os irmãos, a comunidade recebe a graça do corpo e do sangue de Jesus Cristo e com esta oferta recebe perdão, vida nova e bem-aventurança. Recebe uma nova comunhão com Deus e com as pessoas. A comunhão da Santa Ceia é a realização por excelência da comunidade cristã». São efeitos comuns a todos, mesmo se devemos celebrar a ceia – e isto é sempre um sofrimento – ainda em mesas distintas. Pareceu-nos que o fruto principal da nossa experiência sobre a Eucaristia foi dilatar a capacidade de amar até nos oferecermos, até nos consumarmos, como o pão que se deixa partir para ser distribuído por todos. Frutos que todos podem experimentar, seja qual for a Igreja a que pertençam.

Monika Maria Wolff

## Conhecimento e estima recíproca

Em Génova, uma pequena escola de ecumenismo da vida

Já tem dez anos de vida a nossa pequena escola ecuménica. Já não nos lembramos quem é que lhe deu este nome, mas descreve bem esta pequena escola que nasceu para aprofundar o ecumenismo da vida e conhecer as várias Igrejas através da presença de quem vive nelas a sua experiência religiosa. Destinada primeiro a um pequeno número de pessoas do Movimento dos Focolares, mais tarde abriu-se a todos os que quisessem aprofundar o diálogo ecuménico.

Já se tornou habitual o esquema do encontro: um breve vídeo para dar a conhecer o ecumenismo proposto por Chiara Lubich e algumas reflexões sobre um tema específico, pensado para se poder ouvir depois, sobre o mesmo assunto, ao longo do ano, uma voz evangélica, uma ortodoxa e uma católica. Os participantes, cerca de trinta-quarenta, provém de algumas regiões italianas, e pertencem a vários Movimentos eclesiais, são pastores e irmãos de várias igrejas e, algumas vezes, amigos de outras convicções. De cada vez é uma oportunidade para se estabelecer com todos relacionamentos fraternos e de estima recíproca. É surpreendente sempre o silêncio profundo com que se escuta. Uma das participantes confiou: «Hoje, o tema de Chiara Lubich e todo o encontro abriram-me um aspecto que desconhecia sobre o meu ser cristã».

Tiziana Brunengo



## Renée Rebmeister

*Enraizada no amor ao Esposo*

A Renée, focolarina francesa que estava na zona de Roma, chegou à Mariápolis Celeste no dia 19 de abril, depois de uma longa doença e com a força da unidade das focolarinas que se revezam para estar com ela. Nos últimos dias, na cama do hospital, com uma voz baixinha e esforçando-se por sorrir, repetia: «Momento presente».

A Renée nasceu em Estrasburgo, em 1943. Ela e o irmão Gérard ficaram órfãos de mãe muito cedo, mas tiveram o afeto de Léonie, a sua segunda mãe. Nasceram depois mais uma irmã e um irmão: Christine e Francis. A sua família conservou sempre o amor entre todos e uma fé sólida, tendo tido um papel importante na vocação de Gérard ao sacerdócio, e de Renée à doação a Deus como focolarina.

Tinha vinte anos quando conheceu o Movimento dos Focolares, em agosto de 1963, numa das primeiras Mariápolis da França. Ficou tão fulgurada que, em novembro do mesmo ano, deixou a família para ir para a escola de formação das focolarinas.

De volta a França, a Renée contribuiu para a crescimento do Movimento ali. Não faltaram as dificuldades, mas ela recordava: «Lembro-me da graça de ter podido experimentar também as dificuldades económicas numa altura difícil para a Obra, nos primeiros anos do focolar na França: tinha apenas um par de sapatos e nem um centavo no bolso». Durante anos partilhou todas as responsabilidades, sem se poupar a esforços e compromissos.

Nos anos '80 foi para Roma para integrar



o Centro Foco. Muitas focolarinas podem testemunhar este período de tempo rico e fecundo: uma recordação unânime de «um coração que amava e acolhia todas».

A sua saúde começou depois a faltar e por isso teve de se afastar um pouco. Aderiu plenamente, apesar do sofrimento, a esta nova vontade de Deus. Dizia: «Não importa quais os meios que Ele usa. Tudo serve para que Ele cresça e eu diminua... Todos os dias ofereço

este pobre "farrapo" a Jesus... que, com a Sua graça, multiplica as poucas forças e os poucos recursos que tenho».

Em 1993, escreveu a Chiara: «Sinto muito a minha incapacidade, mas confio na misericórdia de Deus. Quero estar enraizada apenas no amor ao Esposo para ser um pequeno, mas luminoso raio da tua luz».

A Renée, em 1993, começou a trabalhar na Secretaria da Vigararia da Cidade do Vaticano. Com profissionalismo e absoluta discrição desempenhou uma missão de confiança em contacto estreito com os vários Cardeais que se foram sucedendo. O atual, o cardeal A. Comastri, ao saber que estava internada, foi várias vezes levar-lhe a sua benção e rezar com ela.

Também colaborou no diálogo ecuménico, amando e tratando com apreço, uma a uma, as pessoas que encontrava, pertencentes às várias Igrejas. E quando, no ano 2000, Chiara lançou em Roma a Operação Roma-Amor, a Renée aderiu imediatamente e começou a seguir, com assiduidade, um grupinho de pessoas. Também com a sua família mantinha uma ótima relação, sem descurar para segundo plano a sua consagração a Deus.

Ultimamente, procurando tratar-se por amor, esteve internada numa clínica especializada, mas o seu organismo deixou de responder aos tratamentos. Sofria muito fisicamente e, por causa da doença, ficou reduzida a pele e osso e andava com muita dificuldade. Não obstante tudo, reunia as suas poucas forças para dirigir uma palavra de coragem a todos. De facto, sabendo-se do agravamento das suas condições de saúde, as visitas das mais variadas pessoas sucediam-se continuamente, sem falar da presença afetuosa dos seus colegas.

Em 1999, a Renée confiou a Chiara: «Tu deste-me uma Palavra de Vida: "Anda, vem, ó minha bela amada, eis que o inverno já passou!"(cfr Ct 2,10-11). E agora, depois de tantos anos, só me vem de Lhe responder: "Sim, quero viver com o Amado do meu coração, porque sei que O posso encontrar sempre. E é só esta resposta de amor a única realidade"».

Pensando que já chegou a Jesus Ressuscitado, ofereçamos orações pela Renée e rezemos pela sua família.

## Helmut Rothmann

*Uma coluna da Obra na Alemanha de Leste*



No dia 26 de março, inesperadamente, o Helmut, focolarino de Zwochau (Alemanha de Leste) voltou para a casa do Pai, aos 88 anos de idade. Nasceu em 1927 numa família pobre e sem qualquer religião, numa aldeia da atual Polónia. No final da escola primária reve-

lou um grande interesse pela leitura e uma relação especial com a natureza, que alimentava os seus sonhos de um mundo de beleza e sem confins.

Aos 12 anos viveu a dolorosa experiência da morte da mãe e prosseguiu a vida, sem nenhuma ligação familiar, em vários colégios, que naquela altura estavam impregnados da ideologia nazi.

A poucos dias do fim da guerra, com 18 anos, o Helmut foi chamado para o exército. Dois dos seus companheiros foram mortos e ele foi feito prisioneiro. Estas experiências de morte acompanharam-no durante toda a vida. Alguns meses depois da sua libertação, foi acolhido por uma família de Dresden, cidade onde conheceu Margot, a sua futura mulher.

Desorientado pelo nazismo e, mais tarde, desiludido com o marxismo, continuou a procurar o sentido da vida. O impacto com o cristianismo foi para ele fulgurante. Escreveu: «No meu traba-

lho, na Universidade, peguei por acaso num livro e saltou-me à vista uma única frase "Eu e o Pai somos um" - foi uma revelação, uma experiência de Deus». Depois de uma intensa preparação com os jesuítas, em 1962, o Helmut tornou-se cristão. A sua conversão originou tensões com Margot, que só se converteu dez anos mais tarde. E também no trabalho surgiram dificuldades sérias, a ponto de comprometer a sua carreira académica. Teve de deixar de dar aulas e trabalhar na biblioteca da universidade de Leipzig.

O encontro com o Ideal aconteceu através de uma visita da Dra. Margaret Frisch, focolarina, que morava com Natalia Dallapiccola (a primeira companheira de Chiara): «Aquilo que me fascinou - confiou - foi descobrir que podia encontrar Jesus em cada pessoa. Isto foi para mim uma revolução. Via com olhos novos a minha mulher e os meus filhos e era até capaz de ver Jesus naquele professor/colega hostil».

Os contactos frequentes com o focolarino levaram-no a colocar Deus no primeiro lugar e a tornar-se focolarino. Em 1976 escreveu: «A vida de focolarino, para mim, significa um aprofundamento de toda a minha existência de cristão. Poder recomeçar sempre e estar no amor devo-o ao focolar». A descoberta de Deus Amor fez com passasse a ver todo o seu passado com uma nova luz. Em 1981, escreveu a Chiara: «Percebi que a única coisa que devemos viver é a unidade, para que Jesus possa estar sempre presente - eu acredito ter já experimentado esta realidade do Ressuscitado - e Ele que nos transforma».

Em 1986 fez as promessas perpétuas e deixou, ao fim de 35 anos, a universidade de Leipzig, para aceitar uma oferta de trabalho do novo Bispo de Dresden. Em 2004, mudou-se com a mulher para a Cidadela de Zwochau, onde Margot, depois de 53 anos de casamento, faleceu. O Helmut escreveu nessa altura: «O tempo com a Margot acabou. Ela foi para terras novas... também eu posso fazer o mesmo». Assim, decidiu, com 79 anos, entrar em focolar e, durante a Missa Solene - estando presentes os cinco filhos e os catorze netos e bisnetos - transformou as promessas em votos perpétuos.

Os focolarinos testemunham o quanto era importante a sua ajuda na vida prática do focolar, mas que a sua função mais importante e, dada a sua idade, era a de ser o "espelho" para perceber se existia verdadeiramente Jesus no meio. As suas apreciações deixavam transparecer equilíbrio, sobriedade e sabedoria. Era escutado como pai, amigo, filho, irmão. Tinha um amor predileto pelas pessoas sem referências religiosas, porque tinha sido uma delas, e sabia muito bem colocar-se no lugar delas!

Alguns flashes da sua vida espiritual dos últimos anos: «Devo desviar-me do meu estilo de vida individualista para uma espiritualidade comunitária com Jesus no meio» - «Percebi de um modo completamente novo o que quer dizer santificar-se juntos: o irmão ajuda-me realmente a encontrar Deus».

O Helmut passou também momentos de escuridão, num processo de amadurecimento interior que o levou a uma união mais profunda com Deus. Em 2013 sofreu um AVC e, desde então, ficou ciente de que tudo o que dizia ou fazia poderia ser o último ato da sua vida.

Era muito sensível e dotado de uma grande inteligência. As suas numerosas poesias revelam que era um amante da beleza e um apaixonado pelo Ideal. Testemunha autêntica e fiel do carisma de Chiara e uma dádiva de Deus para quem lhe passava ao lado, permanecerá para sempre vivo como um pilar da Obra na Alemanha de Leste.

Agradecendo a Deus, rezemos por ele, confiando-lhe a nossa ida ao encontro da humanidade.

## Ir. Walter Pollmer

«*Eu estava presente*»

No dia 25 de janeiro, dia de encerramento da Semana da oração pela unidade dos cristãos, o Irmão Walter, da Bruderschaft von gemeinsamen Leben (Fraternidade evangélica de vida comum), concluiu a sua vida terrena, inteiramente dedicada - com paixão e muita humildade - à unidade concreta dos cristãos.

A sua presença em Ottmaring remonta a 1968, quando se transferiu para lá, juntamente com o Ir. Günther Rattey e outros da comunidade, para colocar os seus conhecimentos de contabilidade ao serviço do recém-criado Centro de Vida Ecuménica. Mas o seu contributo foi muito para além do aspeto da economia; foi um constante, profundo e seguro ponto de referência para todos os que fazem parte do coração de Ottmaring, assim como para as suas expressões públicas. Entre as suas muitas iniciativas, conta-se a organização de viagens anuais a Roma e de grandes encontros ecuménicos de verão, em que participavam cerca de 1.000 pessoas. O Ir. Walter foi uma das «primeiras pedras» do Centro Ecuménico: era assim que gostava de se definir. Já em 1962, com 40 membros da Fraternidade, tinha visitado o Centro dos Focolares em Rocca di Papa, ficando «tocado e inspirado por estes nossos irmãos e irmãs católicos, que vivem de um modo igual ao nosso».

Em 2009, numa Escola de Ecumenismo organizada pelo Centro «Uno», em Ottmaring, explicava: «Uma palavra caracteriza o nosso empenho quotidiano - o Mandamento Novo do amor recíproco de Jesus (cf Jo 13, 34-35) a fim de que, através do diálogo da vida e da fé comum do Evangelho, se realize a promessa da presença de Cristo na comunidade (cf Mt 18,20). É Ele que nos dá a força para continuar neste caminho, e - apesar das dificuldades e das desilusões que fazem parte da nossa vida - para permanecer fiéis ao designio de Deus e fiéis uns aos outros».

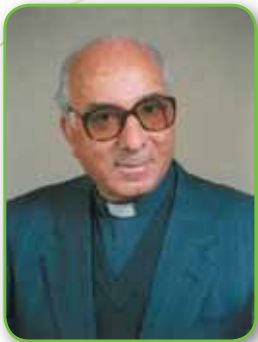
O Ir. Walter também trabalhou muito para o conhecimento e a colaboração entre Movimentos



e Comunidades Evangélicas, ajudando profissionalmente quem precisava. Com especial alegria, seguiu o nascimento e o crescimento de «Juntos pela Europa». Dizia: «Fico maravilhado com o que foi feito através do Movimento dos Focolares. Isto é para mim a maior prenda que recebi, porque desde há 50 anos que o contacto com o Movimento tem tido muita influência e trazido muita fecundidade à minha vida. Não tenho coisas grandes feitas por mim para mostrar, mas digovos: "eu estava presente" e isto faz-me sentir gratidão e admiração».

Também nós, que tivemos a graça de o conhecer, sentimos no coração muita gratidão pelo testemunho que este irmão nos deixou: uma vida doada pela unidade dos cristãos.

*Maria Wienken, Diego Goller – Centro «Uno» para a unidade dos cristãos*



## Padre Sebastião Marques Fernandes

*A Tua Palavra é a minha alegria*

Sebastião Marques Fernandes, o segundo de oito irmãos, de uma família simples e cristã, nasceu em Sobral do Campo, Castelo Branco. Foi ordenado sacerdote em 05 de Julho 1964.

Depois dos primeiros sete anos de vida sacerdotal, vividos no pós-concílio Vaticano II, a providência levou-o até à Mariápolis em Fátima, em Agosto de 1971. Ali, conta ele, *"encontrei jovens que viviam o Evangelho que eu apenas pregava. Fiquei fascinado e a minha vida readquiriu sentido..."*. A um padre que o acompanhou a Roma a um encontro do Movimento dos Focolares confidenciou: *"Quando conheci o Movimento, descobri verdadeiramente o que é ser padre. Não é uma coisa da cabeça (e apontava com o dedo na sua própria cabeça), mas do coração"*. Em 1975, numa Escola Sacerdotal, em Frascati (Roma), desposou Jesus Abandonado".

Pedi então uma palavra de vida a Chiara, que lhe indicou esta: *"A tua Palavra é a minha Alegria"* (Jr 15, 16), que sempre o iluminou.

Na vida da Diocese, à luz da espiritualidade da unidade, sempre viveu em grande comunhão eclesial, como disse o bispo emérito na missa de exéquias: *"Era homem bom, pastor zeloso pelo bem das pessoas e das comunidades, sacerdote dedicado e sempre pronto a servir, sempre a dar-se, com o seu temperamento, como eu tenho o meu e cada um de vós tem o seu"*. Foi chamado no final dos difíceis anos setenta para um Colégio Diocesano de educação da juventude com internato, onde a sua bondade fazia lembrar o educador São João Bosco. Manifestava o seu amor e carinho de forma concreta. Um padre, com uma doença do foro psicológico, que ele acolheu na casa paroquial e acompanhou durante vários anos, depois do funeral, disse à irmã: *"Agradeço o que fez por mim. Nunca me censurou e sempre me amou profundamente"*.

Nos testemunhos sobre ele, há quem realce a sua alegria. Na verdade, perguntava: *"Sabeis qual é a divisa do cristão? É o sorriso"*, respondia. *Simple e humilde, sublinhava sempre os outros nas suas qualidades e ficava feliz quando eles cresciam e Ele ficava no fim da lista"*.

*"Tinha um amor muito grande"* por todas as iniciativas da Obra, aprendido na comunhão com Jesus Abandonado, que amava e procurava fazer amar *"sempre, imediatamente e com alegria"*. Foram estas, aliás, as últimas palavras que, já com máscara de respiração, disse ao seu responsável de focolar. Também a Palavra de Vida estava bem presente no seu programa de pastoral, a ponto de, na noite anterior à sua partida para a casa do Pai, ter telefonado a uma paroquiana para não se esquecer da reunião da Palavra de Vida. Talvez como recompensa ao seu não se cansar de repetir que é necessário *"dar visibilidade ao Ressuscitado"*, o Senhor veio buscá-lo, na madrugada do dia 07 de Abril 2015, Terça-Feira da Oitava da Páscoa, ao hospital de Abrantes.

A unidade entre os homens e na Igreja foi uma causa que abraçou com grande ardor e dedicação. Sentia-se muito feliz por ser padre e não se cansava de o repetir. No perfil apresentado pela

# Benedetta Buonomo Fiumara

*Uma fé que não vacila*



Todos a recordamos como uma lufada de ar fresco, com um sorriso cristalino que desdramatizava as situações mais delicadas e um «sim» alegre que não via obstáculos. Por causa do seu amor, era escutada e seguida por todas as pessoas. Originária de Gaeta, deixou-nos no dia 15 de fevereiro.

A Benedetta nasceu em 1963. Juntamente com os irmãos, recebeu uma profunda formação cristã e humana, complementada no ambiente da paróquia, onde conheceu os jovens dos Focolares. Com eles aprofundou a espiritualidade da unidade, até amadurecer a escolha de se tornar uma voluntária.

Casou-se com o Fabrizio e tiveram dois filhos: Maria Sole e Fulvio. Apesar dos compromissos de trabalho (geria uma loja de decoração) e os compromissos de esposa e mãe, dedicou-se com dinâmica e fantasia a um grupo de raparigas, tornando-se um sólido ponto de referência de crescimento humano e espiritual para elas.

Confiante, lutadora, dotada de um grande sentido de humor, a Benedetta enfrentou o longo período da doença com uma fé que não vacilava. Pediu às voluntárias do seu núcleo para irem todas

as semanas a casa dela para o habitual encontro de núcleo, apesar disto requerer um grande esforço. Recebia com muita alegria quem a fosse visitar.

Parecia que as dores a fossem vencer, mas a Benedetta continuou a oferecê-las, cada vez por uma intenção especial: pelos jovens, pelas raparigas que seguia e por muitas situações delicadas que amigos e conhecidos confiavam às suas orações.

Nos seus últimos instantes, quis recitar o rosário com as pessoas que estavam ao seu lado na cama do hospital, e que viam cumprir-se a frase do Evangelho que Chiara lhe tinha dado: «Quando for elevado da terra, atrairei todos a mim» (Jo 12,32).

*Bonaria Gessa*

## Os nossos parentes

**Passaram à Outra Vida:** Marie, irmã de Anne (Annova) Pemba, focolarina no Quênia; Janina, mãe de Andrzej Grabarski, focolarino casado de Katowice (Polónia); Silvina, mãe de Sameiro, focolarina na Mariápolis romana, e de Margarida (Guida) Freitas, focolarina na Mariápolis Ginetta (Brasil); Anny, irmã de Myriam Yvette Schmittlin, focolarina na Mariápolis romana; o irmão de Gehilda Cavalcanti, focolarina em Brasília; Lucio, pai de Annaluce Berrino, focolarina casada, e de Loreta Somma, voluntária de Nápoles; Mario, pai de Luis Fernandez Vélez, focolarino em Cuba; Maria Adalva, mãe de Marconi Ramalho Albuquerque, focolarino na Mariápolis Ginetta; o pai de Sheila (Scia) Padayhag, focolarina em Ohio (EUA), e de Eleanor Mary Villegas, focolarina casada de Cebu (Filipinas); Luisa, mãe de Paolo Vergari, focolarino na Mariápolis Romana.

Diocese, assim foi caracterizado o padre Sebastião: «apaixonado por Cristo e pelo seu Evangelho como Palavra de Vida, contemplativo permanente do amor de Deus pelo mundo revelado na Santíssima Trindade, totalmente entregue no ministério sacerdotal como união permanente a Cristo e serviço aos irmãos na Igreja».

*António Assunção e Jorge Guarda*

## MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Maio de 2015 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

# Living Peace - viver a Paz tu és capaz!



No dia 12 de abril, em Cascais, vivemos um esplêndido dia pela Paz, juntamente com mais de 900 adolescentes de todo o país. Desde o primeiro momento era Jesus entre nós que nos dava a alegria e a força para transmitir a todos, com o nosso Ideal, a vontade de viver por um mundo unido e pela Paz.

Com as nossas canções e experiências contámos como procuramos construir a paz com o perdão e o recomeçar. Foi incrível a adesão e o clima que se foi criando. Partilhámos também a vida dos gen3 da Síria, através de um skype. O

Time-Out, ao meio dia, para rezar pela Paz foi comovente pelo recolhimento de todos.

Usando o símbolo da pomba, feita em origami, entusiasámos também muitas pessoas da cidade a viver pela Paz, abordando-as em grupos e pedindo que assinassem a pomba. De regresso à tenda gigante todos fizeram um mega flashmob de uma pomba que simbolizava: juntos é possível!!! A Paz começa por cada um de nós!

*Os e as gen3 de Portugal e a Secretaria  
Teens4unity*



# MARIÁPOLIS 2015

Fátima, 1 a 4 de agosto

#### INFORMAÇÕES:

Tel.: 263 799 995 Tel.: 263 790 131  
e-mail: mariapolispt@gmail.com  
<http://www.focolares.org.pt>

Funchal, 11 e 12 de agosto em Santa Clara

#### INFORMAÇÕES:

Rita Basilio TM.: 964 877 321  
ritabasilio@mail.telepac.pt